

A M A T E R I A

D A C O R :

E X P E R I E N C

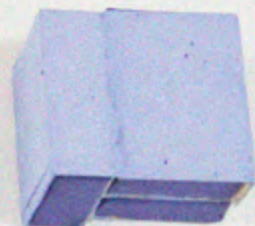
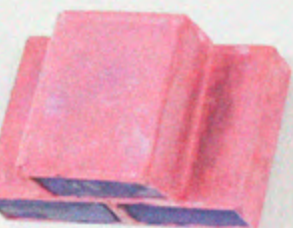
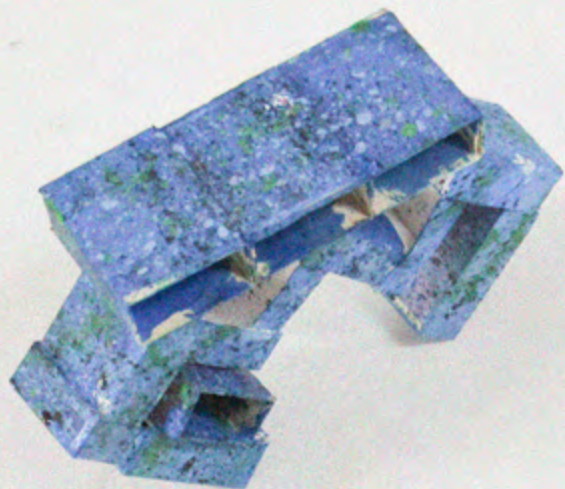
B R A S I L N E O C

VALIDADE

CIANDO O

CONCRETO

Marina Dutra Gomes



A Materialidade da Cor: Experienciando o Brasil Neoconcreto

Marina Dutra Gomes





1.

INTRODUÇÃO

A materialidade da cor é um elemento central na experiência artística, e no contexto do Brasil neoconcreto, artistas como Lygia Clark e Hélio Oiticica exploraram de maneira inovadora essa dimensão da arte visual. O período neoconcreto, que emergiu nas décadas de 1950 e 1960, trouxe uma revolução nas práticas artísticas ao enfatizar a relação entre o espectador, a obra de arte e a materialidade da cor. No âmbito da licenciatura em Artes Visuais, a exploração desse tema torna-se não apenas pertinente, mas também enriquecedora, pois proporciona aos alunos a oportunidade de compreender a arte não como um objeto contemplativo, de maneira a distanciar espectador e obra, mas como uma experiência palpável, corpórea e sensível.

A presente pesquisa tem como foco a análise das oficinas ministradas nas turmas do 4º e 5º ano da Escola Parque, situada na 210/211 Norte, Brasília - DF, sob a orientação da docente Marina Dutra. Estas oficinas foram elaboradas a partir do estudo das obras *Estrutura de Caixa de Fósforos* de Lygia Clark e dos *Parangolés* de Hélio Oiticica, que são representações icônicas do movimento neoconcreto no Brasil.

O Brasil neoconcreto, marcado por uma abordagem artística que transcende as fronteiras tradicionais da arte, estimula a apreciação estética, o desenvolvimento do pensamento crítico, a criatividade e a expressão artística dos alunos. Segundo Silva, ao explorar a materialidade da cor, os estudantes são convidados a





mergulhar nas obras desses renomados artistas, compreendendo como a cor se torna matéria viva e palpitante, capaz de evocar emoções, sensações e reflexões profundas.

As oficinas elaboradas para este estudo abordam a relação entre arte e cotidiano, permitindo que os alunos experimentem materiais do dia a dia, como caixas de fósforos, tecidos, tintas e outros elementos, para criar suas próprias obras inspiradas no neoconcretismo. Essa abordagem não apenas promove a compreensão da materialidade da cor, como também estimula a reflexão sobre as escolhas de materiais e a relação entre a arte e a vida cotidiana.

A pesquisa aqui apresentada busca, portanto, analisar o impacto das oficinas inspiradas em Lygia Clark e Hélio Oiticica no contexto educacional das turmas do 4º e 5º ano da Escola Parque. Ao observar como os alunos interagem com as obras e como a materialidade da cor se manifesta em suas criações, esta pesquisa contribui para o entendimento da importância da educação artística e da experiência visual na formação dos alunos.

Por meio da análise das oficinas, este estudo pretende lançar luz sobre a relevância da materialidade da cor no ensino de Artes Visuais, bem como sobre a capacidade da arte de transcender as barreiras da sala de aula, conectando-se com a vida cotidiana e promovendo a expressão individual e coletiva dos alunos. Através dessa pesquisa, visamos enriquecer o

campo da educação artística e contribuir para a formação de cidadãos mais sensíveis, criativos e críticos, capazes de apreciar e compreender os principais fundamentos da produção neoconcreta no Brasil.

NEOCONCRETISMO E A REVOLUÇÃO ARTÍSTICA NO BRASIL

A transição do concretismo para o neoconcretismo no contexto carioca reflete uma mudança significativa na abordagem artística. Enquanto o concretismo valorizava uma ortodoxia racionalista, buscando estruturas geométricas e uma lógica formal, o neoconcretismo rompe com essa abordagem em favor de uma perspectiva fenomenológica. A ideia do neoconcretismo é reagir ao concretismo de São Paulo, reagir à racionalidade, rigidez e formalidade. É sobre liberdade, vivência, a interação com o sujeito.

A fenomenologia, nesse contexto, destaca a experiência subjetiva e perceptiva do espectador em relação à obra de arte.

Os artistas neoconcretos cariocas, como Lygia Clark e Hélio Oiticica, passaram a enfatizar a participação ativa do observador na interpretação da obra, explorando sensações, emoções e a relação direta com o espaço circundante. Essa mudança representa uma evolução além dos princípios estritamente racionais do concretismo, abrindo espaço para uma expressão mais subjetiva e envolvente. Ao privilegiar a experiência sensorial e a interação do espectador, o neoconcretismo busca criar uma conexão mais visceral e pessoal entre a obra de arte e quem a aprecia, destacando a importância do momento presente e da vivência individual na apreciação artística. Essa ruptura com o racionalismo

tradicional marca uma nova fase na arte brasileira.

Lygia Clark, por suas contribuições à arte contemporânea, introduziu a concepção do *Objeto Sensorial*², desafiando a passividade do espectador e promovendo a interatividade. Suas obras, como *Bichos*³ e *Estrutura de Caixa de Fósforos*, exemplificam a inovação e o desejo de criar experiências sensoriais imersivas.

Hélio Oiticica, por sua vez, é amplamente reconhecido por suas criações de *Parangolés* e *Penetráveis*⁴, nas quais ele explorou a relação entre o corpo, a cor e o movimento. Sua influência transcendente nas artes

2. O termo “Objeto Sensorial” foi concebido por Lygia Clark para se referir de maneira geral a todos os elementos que ela incorporava durante as sessões de Estruturação do Self, uma prática realizada de 1976 a 1988. Essa fase representou a culminação das investigações da artista, que centravam-se no envolvimento do espectador e convocavam sua experiência corporal como condição essencial para a realização da obra. Alguns objetos não possuíam nomes específicos, enquanto outros mudavam de denominação de acordo com seu uso e, conseqüentemente, o tipo de experiência que proporcionavam. Isso destaca mais uma vez que a obra de arte não se encerra no objeto em si, pois este é relacional em sua essência intrínseca.

3. “É um organismo vivo, uma obra essencialmente atuante. Entre você e ele se estabelece uma integração total, existencial. Na relação que se estabelece entre você e o “Bicho” não há passividade, nem sua nem dele. Acontece uma espécie de corpo-a-corpo entre duas entidades vivas. Acontece na realidade um diálogo em que o “Bicho” tem respostas próprias e muito bem definidas aos estímulos do espectador.” (CLARK, 1960).

4. Cabines feitas de planos e madeiras pintadas que podem ser adentradas por quem desejar.

contemporâneas é inegável, e suas obras desafiam os limites tradicionais da pintura e da escultura ao incorporar elementos de performance e participação ativa do espectador. Hélio Oiticica afirmou em seu livro “Aspiro ao Grande Labirinto” a importância de romper com a passividade do espectador, proporcionando experiências sensoriais que estimulem a participação ativa e a liberdade de exploração do espaço.

Uma das características distintivas do neoconcretismo é a ênfase na experiência do espectador. Os neoconcretistas rejeitaram a passividade tradicional do espectador diante da obra de arte, buscando envolvê-lo de maneira ativa e participativa. Essa abordagem desafiadora transformou a relação entre a obra de arte e seu público, levando à criação de experiências imersivas e interativas que transcenderam os limites tradicionais da arte.

A materialidade da cor é outro aspecto fundamental do neoconcretismo. Os artistas neoconcretos exploraram a cor não apenas como um elemento estético, mas como uma matéria palpável, que se manifesta por si só e circunstanciada a seu veículo de expressão. Lygia Clark, por exemplo, trabalhou com a cor de forma tridimensional em suas Estruturas de Caixa de Fósforos, utilizando materiais do cotidiano para criar obras que evocam

sensações táteis e visuais. Essa abordagem experimental à cor transformou-a em um elemento essencial na experiência artística e na relação entre a obra de arte e o espectador.

A interatividade desempenhou um papel fundamental no neoconcretismo, permitindo que o espectador se tornasse um participante ativo na criação do significado da obra de arte. Hélio Oiticica, por exemplo, convidou o público a vestir os *Parangolés* e a experimentar a fusão de cores, movimento e sensações em suas performances. Trazendo materiais e formas presentes no cotidiano das massas brasileiras, o imaginário popular. Isso desafiou as fronteiras convencionais entre o observador e a obra, transformando a experiência artística em um ato de cocriação.

Pode-se dizer que o neoconcretismo representou uma revolução artística no Brasil, caracterizada pela ênfase na experiência do espectador, a materialidade da cor e a interatividade. Lygia Clark e Hélio Oiticica, entre outros, desempenharam papéis fundamentais na promoção dessas ideias e na transformação da arte contemporânea. A compreensão dessas características do movimento neoconcreto é essencial para apreciar as oficinas inspiradas nas obras desses artistas e para compreender a importância de estudar essa abordagem artística nas escolas, especialmente para crianças, como meio de enriquecer sua formação cultural e artística.





LYGIA CLARK E HÉLIO OITICICA

Lygia Clark e Hélio Oiticica, figuras proeminentes do experimentalismo nas artes visuais durante os anos 1960 e 1970 no Brasil, desenvolveram trajetórias que tiveram origem na pintura e se expandiram para o domínio tridimensional, recusando os padrões tradicionais da época.

Participaram ativamente desse processo de expressão do artista ao escreverem de maneira incessante sobre suas obras, ideias e projetos artísticos. Essa expressão estendeu-se a manifestos, textos teóricos e entrevistas publicados em catálogos de exposições, revistas e jornais de grande circulação. Além disso, utilizaram diários íntimos e correspondências não apenas entre eles, mas também com críticos

de arte, familiares, e outros amigos e artistas. Lygia e Hélio desenvolviam teorias, refletiam e conceituavam suas próprias obras; suas produções textuais tornaram-se uma forma adicional de expressão artística. Podemos afirmar que, na criação de ambos, texto e obra se entrelaçam de tal forma que formavam uma poética compartilhada.

A elaboração dos discursos de Lygia Clark e Hélio Oiticica, em suas diversas formas, oferece insights significativos sobre as inter-relações entre seus trabalhos e os contextos socio-histórico, estético e político, que constituem seus espaços autobiográficos. Essas referências emergem através de citações, relatos de eventos históricos e até mesmo pela

própria linguagem utilizada, incluindo o emprego de gírias e expressões inventadas. Os discursos linguísticos de Hélio e Lygia podem ser interpretados como espaços onde ideias e práticas se constituem, permitindo que os artistas reflitam sobre suas próprias obras. Esses discursos tornam-se testemunhos da construção de suas vidas-artísticas, evidenciando os esforços e deslocamentos necessários para concretizá-las.

Ao nos debruçarmos nas muitas das cartas trocadas entre Hélio e Lygia, percebemos a busca incessante para que a vida artística se torne um reflexo da verdade encontrada por eles em suas proposições e experiências estéticas. Essas correspondências não apenas oferecem vislumbres das complexidades do contexto em que estavam inseridos, mas também revelam a aspiração dos artistas para que a expressão artística seja autêntica e alinhada com suas convicções mais profundas. demonstra não apenas uma amizade íntima, mas também um apoio mútuo e uma conexão afetiva. Além disso, oferece um vislumbre do contexto cultural e pessoal desses artistas durante um período marcante na história do Brasil e do mundo.

24.12.1968

Queridíssima Lygia, minha única paixão, desejo-lhe maravilhoso Natal, Ano Novo e todo esse babado, e quero que você continue cada vez mais botando pra quebrar - chega de otários nessa Europa infecta. Agora é que eles estão vendo o peso da sua barra, que é ultratropicalia e não é conversa pra intelectual ou boboca aficionado d'art: é culhão e barriga. Vou terminando pois o Torquato vai agora ao correio, e está impaciente, depois de dormir mil horas. Beeeeeiiiiijos mis mis mis (não van der roe) mas beijos reais, hahahahaha.

*Hélio*⁵

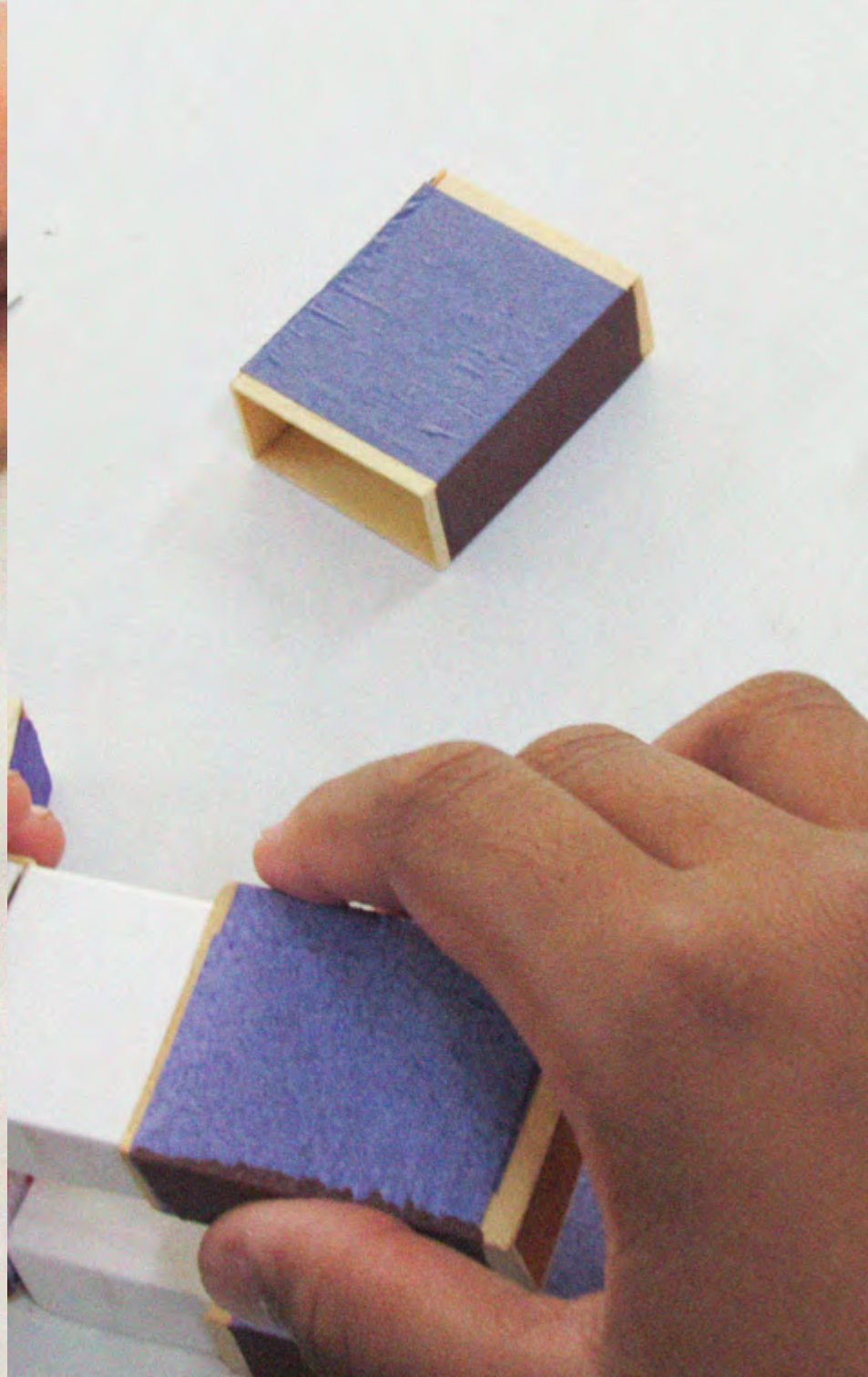
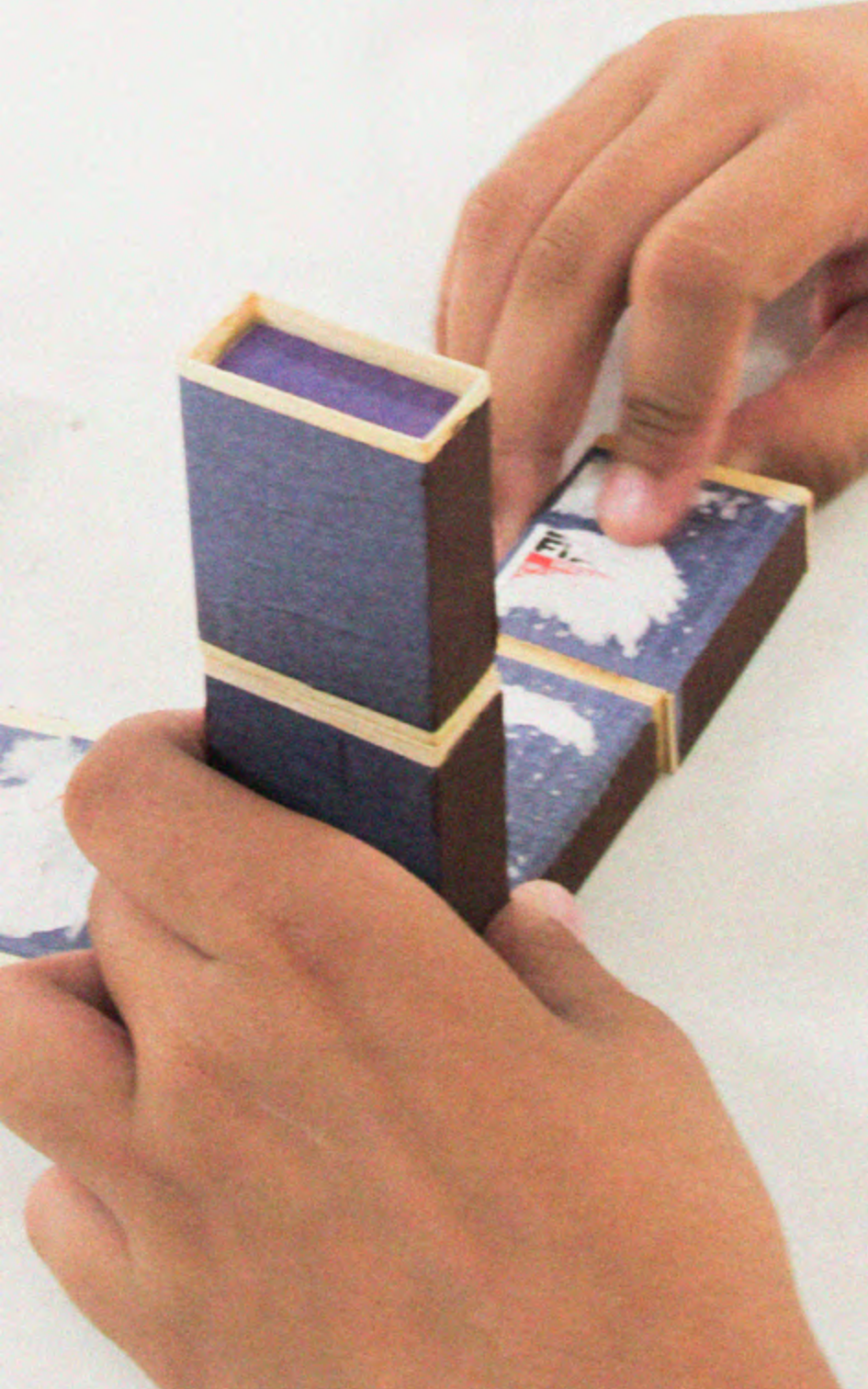
5. OITICICA, 1964-74, p. 93.

A obra *Estrutura de Caixa de Fósforos* é um exemplo marcante da abordagem neoconcreta à arte. Esta obra consiste em uma série de pequenas estruturas escultóricas, cada uma criada a partir de caixas de fósforos, materiais simples e do cotidiano. O que torna essa obra excepcional é a maneira como Lygia Clark transforma esses objetos comuns em formas tridimensionais complexas. Neste trabalho, Clark empregou uma caixa de fósforos como base, dando origem a uma composição tridimensional. A presença física da cor desempenha um papel crucial, com várias tonalidades e texturas de materiais interagindo para criar uma experiência sensorial única. A caixa de fósforos, um objeto comum do dia a dia, transforma-se em uma expressão artística que desafia concepções convencionais, incentivando o espectador a explorar a materialidade da cor de maneira tanto tátil quanto visual.

A escolha de Clark em utilizar uma caixa de fósforos comum como suporte pode ser vista como uma subversão da hierarquia tradicional de materiais artísticos. Ao incorporar objetos cotidianos e acessíveis em suas criações, ela desafia as distinções entre arte e vida cotidiana, um tema que também pode ser associado a movimentos artísticos relacionados à industrialização, como o ready-made de Marcel Duchamp. Essa abordagem sugere uma democratização da arte, tornando-a mais acessível e integrada à experiência cotidiana, refletindo as transformações sociais e culturais associadas à industrialização e à era moderna. A escolha

de materiais comuns e a ênfase na participação do espectador destacam uma resposta às mudanças na sociedade, questionando as tradições artísticas estabelecidas em um contexto de crescente industrialização e transformação cultural.

As manifestações artísticas presentes nessa obra incluem a tridimensionalidade das estruturas, a combinação de cores vibrantes e a capacidade de o espectador interagir com as peças. Cada estrutura é uma pequena escultura que pode ser manipulada pelo espectador, permitindo-lhe explorar diferentes ângulos, texturas e cores. Essa interatividade é uma característica fundamental do neoconcretismo, que busca envolver o espectador de maneira ativa na criação de significados, desdobramentos e reverberações.





Acerca desse pensamento, Lygia Clark afirmou:

*O objeto não tem per si realidade poética, mas esta poética é transferida a ele pelo homem. A visão do mundo como realidade é também uma projeção do homem que cria e torna a recriar esta realidade em conceitos novos. Esta projeção da sensibilidade poética é que sempre foi a busca do “absoluto”, a obra de arte. Hoje a diferença é de que este diálogo sujeito-objeto já não satisfaz e a nova realidade é a tentativa de fundir esses dois elementos. Daí a tendência da arte contemporânea, de procurar estabelecer um diálogo de tal maneira participante do sujeito-objeto que faz do espectador um colaborador ativo da própria obra de arte.*⁶

6. CLARK, 1964, p. 1.

Os *Parangolés* de Hélio Oiticica são uma expressão marcante do neoconcretismo, que combina elementos de escultura, roupa, performance e, sobretudo, pintura. Essas obras consistem em capas e estandartes coloridos, feitos de tecidos vibrantes, que os participantes podem vestir e dançar, transformando-se, assim, parte da obra. A experiência dos *Parangolés* é intrinsecamente ligada à participação do corpo e à interação entre cor, movimento e som -ela só existe quando manifestada. É a busca da liberdade de expressão físico-emocional-social, por meio da arte. É a pintura encarnada. Oiticica acreditava que a arte deveria ser vivida, experimentada e sentida, e os *Parangolés* eram uma manifestação física dessa visão. Ele expressa esse pensamento fenomenológico ao afirmar:

“Toda a unidade estrutural dessas obras está baseada na ‘estrutura-ação’ que é aqui fundamental; o ‘ato’ do espectador ao carregar a obra, ou ao dançar ou correr, revela a totalidade expressiva da mesma na sua estrutura: a estrutura atinge aí o máximo de ação própria no sentido do ‘ato expressivo’”⁷

Os *Parangolés* representam uma fusão de cores vibrantes, formas dinâmicas e interatividade. Ao vestir essas capas, os participantes se tornam parte da obra de arte, dançando, girando e explorando as possibilidades de movimento. A materialidade da cor, expressa por meio dos tecidos e tintas utilizados, desempenha um pa-

7. OITICICA, 1986, p. 70.

pel crucial na criação de uma experiência visual cativante. Oiticica buscou romper com a passividade do espectador tradicional, encorajando a participação ativa e a exploração do espaço. Hélio afirmou (1968) que aspirava ao “Grande Labirinto”, onde a arte e a vida se entrelaçam em uma experiência sensorial e emocional única.

Observando as obras de Lygia Clark e de Hélio Oiticica representam manifestações marcantes do neoconcretismo, enfatizando a materialidade da cor, a interatividade e a participação ativa do espectador. Suas filosofias artísticas, expressas em suas próprias palavras, destacam a importância de envolver o público na construção do significado da arte e na experiência estética. Estas obras servem como inspiração para as oficinas propostas, que buscam trazer esses princípios para o contexto educacional, enriquecendo a formação das crianças e promovendo a compreensão do neoconcretismo na atualidade.

A MATERIALIDADE DA COR

A apreciação e a criação de obras de arte são profundamente influenciadas pela compreensão da materialidade da cor. A cor vai além de ser uma simples característica visual; ela desempenha um papel fundamental na linguagem artística, podendo ser explorada de maneiras diversas nas obras. Os artistas neoconcretos ofereceram uma perspectiva inovadora em relação à cor, considerando-a de maneira experiencial e relacionando-a ao tempo, à estrutura e à luz. Durante esse período, Hélio Oiticica vivenciava uma fusão dos elementos de cor, tempo, espaço e estrutura, o que lhe proporcionava uma experiência intuitiva e holística da obra. Ele defendia que, na arte, a cor se manifesta como uma entidade autônoma, preservando sua própria essência.

A cor para Hélio Oiticica é uma matéria palpável, penetrável e também deve ser vestida e dançada. É um elemento intrínseco à experiência do sujeito, desempenhando um papel central na comunicação de ideias, emoções e conceitos. Os artistas neoconcretos abraçaram a materialidade da cor como um elemento fundamental em suas práticas artísticas. Em suas obras, a cor não é simplesmente um aspecto visual, mas assumindo caráter literal de experiência sensorial, emocional e relacional. Eles desafiaram as convenções tradicionais da pintura ao introduzir novas formas de expressão por meio da cor.

“A cor é uma das dimensões da obra. É inseparável do fenômeno total da estrutura, do

“Tudo aquilo que é vivo aspira à cor [...]”

(GOETHE, 1993, p. 104)

espaço e do tempo, mas como esses três é um elemento distinto, dialético, uma das dimensões. [...] Quando, porém, a cor não está mais submetida ao retângulo nem a qualquer representação sobre este retângulo, ela tende a se “corporificar”; torna-se temporal, cria sua própria estrutura, que a obra passa então a ser o “corpo da cor”.⁸

Lygia Clark, explora a materialidade da cor ao usar tinta guache para colorir caixas de fósforos. A escolha de materiais simples e cotidianos realça a presença da cor e a convida a tornar-se parte integral da experiência do espectador. As texturas das caixas de fósforos e as diferentes combinações de cores possibilitam uma apreciação tátil e visual da materialidade da cor. A materialidade da cor reside no modo como também a partir da complexidade tridimensional das estruturas, nós conseguimos perceber nuances de tonalidades, relações de luz e sombra, que se expressa também para com a forma da obra. Existe um entrelaçamento entre a cor e a experiência sensorial, ao envolver o espectador de maneira ativa, convidando-o a tocar, vestir, manipular ou interagir com a obra, a cor transcende a mera contemplação visual. A experiência sensorial da cor vai além da visão e inclui o tato, o movimento e a relação física com a obra.

8. OITICICA, 1970, p. 1.

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E A RELEVÂNCIA DO NEOCONCRETISMO

A Educação Artística desempenha um papel importante na formação de crianças, contribuindo para o desenvolvimento integral de suas habilidades cognitivas, emocionais e sociais. A inclusão do estudo do neoconcretismo nas escolas é uma abordagem que pode enriquecer o currículo educacional. Ela é uma disciplina que desempenha um papel vital na formação das crianças, uma vez que contribui para o desenvolvimento de diversas habilidades e competências. Ela não se limita apenas à apreciação de obras de arte, mas também envolve a criação artística, o entendimento de diferentes linguagens artísticas e a exploração do potencial criativo de cada indivíduo.

Entre os benefícios da Educação Artística, de acordo com Ana Mae Barbosa (1975), estão o

estímulo à criatividade, a promoção da expressão individual, o desenvolvimento da sensibilidade estética, a ampliação do repertório cultural, a melhoria da capacidade de observação e a capacidade de refletir criticamente sobre o mundo que nos rodeia. A Educação Artística também fomenta a autoconfiança, a comunicação, o trabalho em equipe e a empatia, promovendo o crescimento integral das crianças.

“Arte não se ensina, contamina-se pela arte, e assevera: ensino como transmissão, não se ensina nada. Você provoca experiência. E é através da experiência que a gente vai aprendendo e vai separando o que é essencial do que é acidental.”⁹

9. BARBOSA, 2009, p. 14.

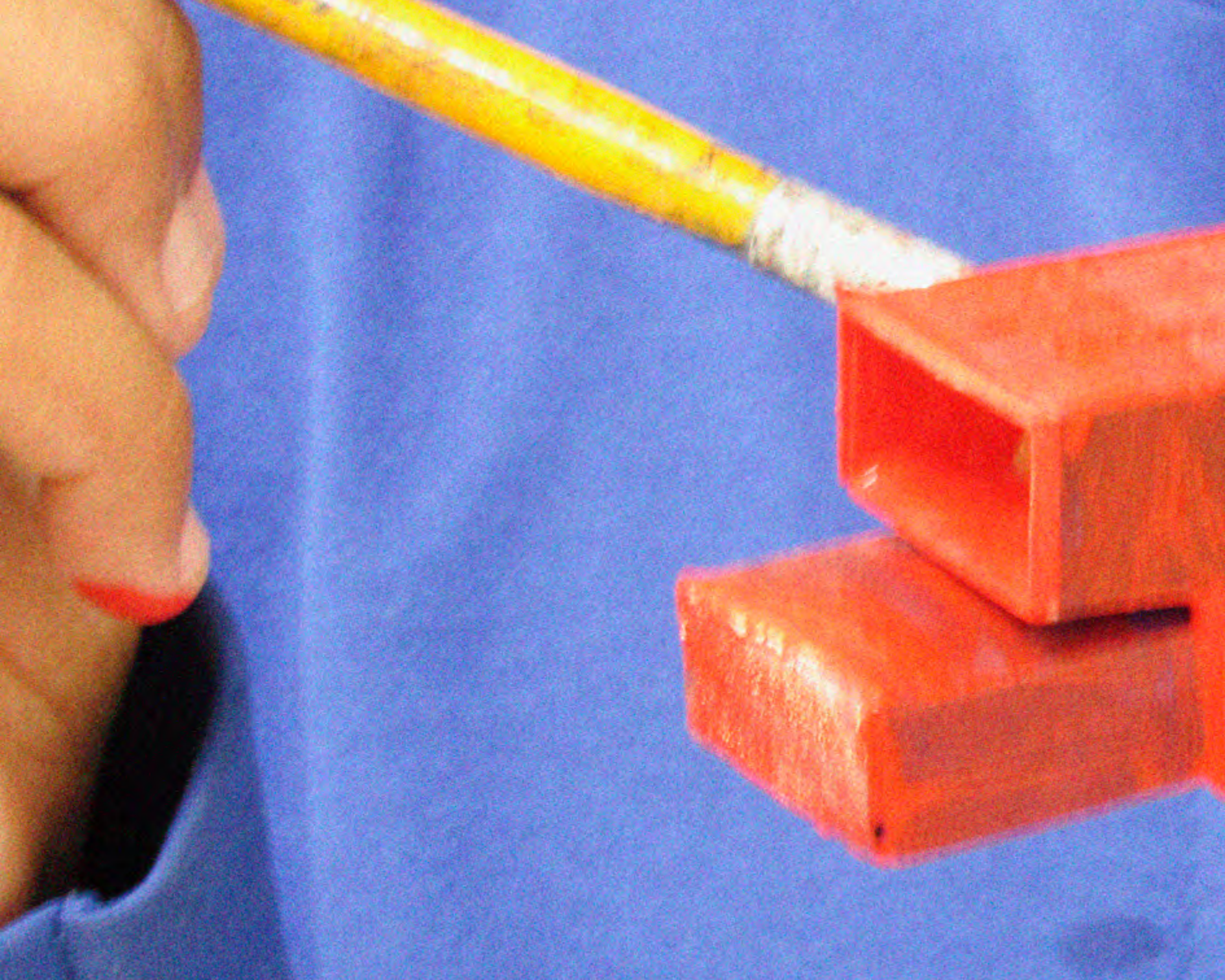
O estudo do neoconcretismo nas escolas é fundamental, pois esse movimento artístico brasileiro, surgido em um contexto cultural específico, desafiou as normas convencionais da arte. Na época em que emergiu, o Brasil estava passando por transformações sociais e políticas, e o neoconcretismo refletiu essas mudanças ao propor interatividade, materialidade da cor e experiência sensorial.

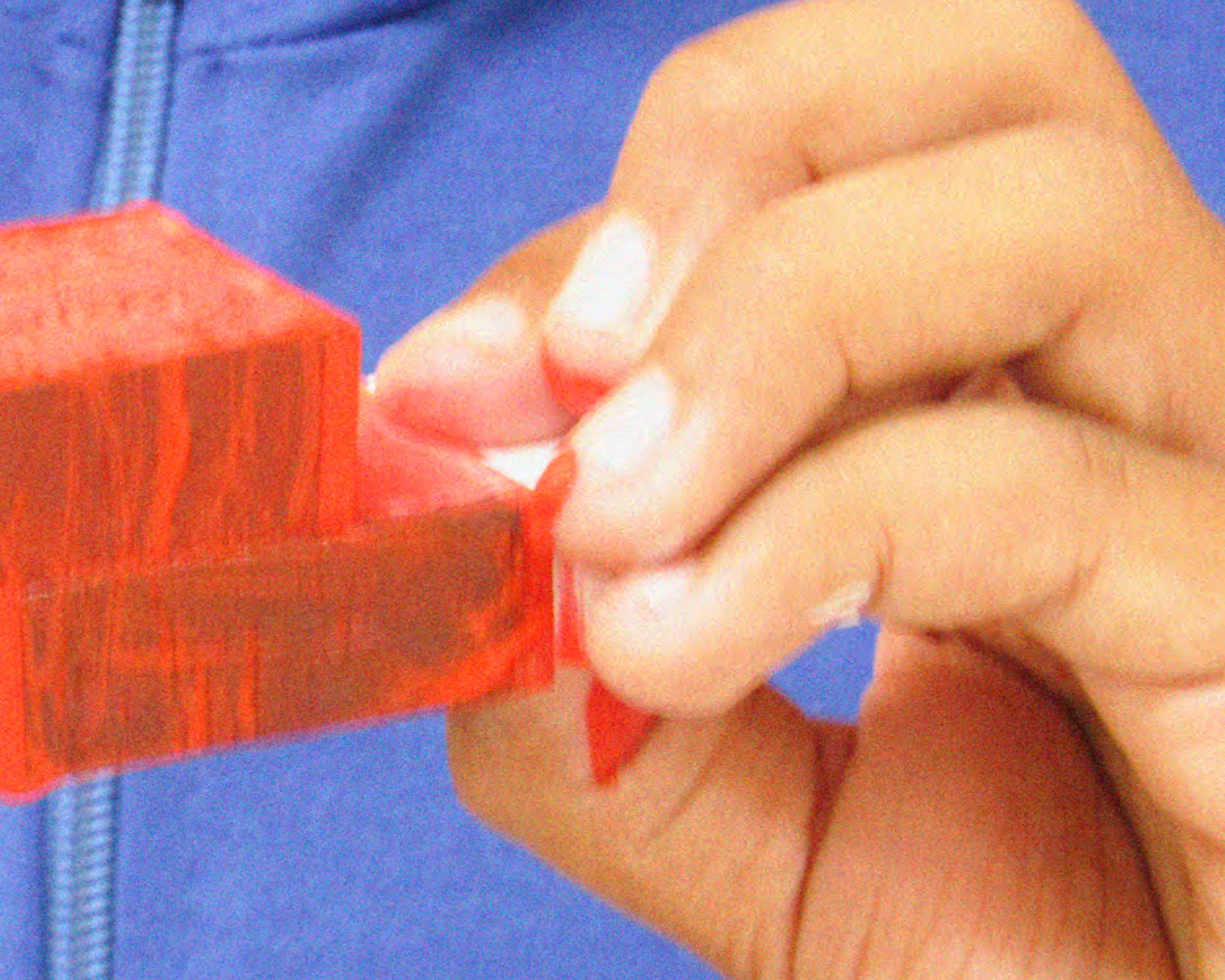
O neoconcretismo possui raízes profundas na cultura brasileira, refletindo aspectos da sociedade, da história e da identidade nacional. O movimento abordou questões como a participação ativa do público na criação de significados e a valorização de materiais e elementos do cotidiano, o que o torna altamente relevante em um contexto educacional que busca compreender a cultura local e suas expressões artísticas.

O estudo desse movimento também oferece uma oportunidade valiosa para que os alunos se envolvam ativamente com a arte, explorando materiais, cores, formas e conceitos de maneira prática. Isso não apenas enriquece sua compreensão da arte, mas também desenvolve habilidades críticas e criativas que são transferíveis para outras áreas do conhecimento. Proporcionar experiências práticas e vivenciais na aprendizagem artística é essencial para envolver os alunos. As atividades práticas permitem que os estudantes experimentem diretamente os princípios e conceitos artísticos, transformando a aprendizagem em uma experiência sensorial e emocional.

Nesse contexto, as atividades práticas, tal como a experiência aqui realizada, podem incluir a criação de obras de arte inspiradas em artistas como Lygia Clark e Hélio Oiticica, nas quais os alunos têm a oportunidade de explorar a materialidade da cor, experimentar a tridimensionalidade e participar ativamente na criação de suas próprias obras. Essas experiências não apenas desenvolvem a compreensão dos princípios artísticos, mas também incentivam a criatividade, o pensamento crítico e a expressão individual e o criar em colaboração com os colegas.

As atividades práticas na educação artística promovem a interação e a colaboração entre os alunos, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades sociais importantes. A exploração de materiais e a experimentação incentivam a resolução de problemas e o pensamento inovador.





ENSINO E APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA

A educação em artes visuais requer a compreensão de abordagens pedagógicas e metodologias eficazes que estimulem o interesse, a participação ativa e o desenvolvimento criativo dos alunos. É fundamental envolver as crianças na aprendizagem artística de forma significativa e lúdica, para que o processo de ensino seja mais efetivo. O ensino de artes visuais envolve a aplicação de diferentes abordagens pedagógicas que podem variar de acordo com a subjetividade, contexto, idade e individualidade dos alunos.

Para Vygotsky (2001) ao educar pela arte o professor permite que ela se insira no grupo e na sociedade, possibilitando a sua própria transformação e do espaço em que está inse-

rida, relacionando-se com outras pessoas e levando-a a pensar sobre o mundo que a rodeia, sobre ela mesma e a vida em si, é o lugar de encontro das subjetividades, no qual se realiza a interação entre sujeito e mundo.

“Educar-se é apreender-se e se construir cada vez mais como sujeito [...] Não cabe à educação “fazer” pessoas, mas despertá-las para sua autonomia mediante os recursos da cultura simbólica, explorando as possibilidades de suas vivências subjetivas, desde o conhecimento à arte. Assim, a educação promove o desenvolvimento da gama de sensibilidades especificamente subjetivas: lógica, ética, estética etc.”¹⁰

10. SEVERINO, 2012, p. 80.

Segundo Jean Piaget (1969), a criança constrói seu aprendizado por meio da interação com objetos e pessoas, baseando-se na teoria do construtivismo. A cada nova descoberta, ela incorpora e ajusta esses conhecimentos ao seu entendimento prévio, expandindo assim sua visão de mundo.

Quando discutimos aprendizagem no contexto do construtivismo, é crucial entender que ela não deve se limitar estritamente à aprendizagem formal. Pelo contrário, a aprendizagem está intrinsecamente ligada ao processo abrangente de formação do sujeito, que ocorre desde o nascimento até a morte. Nesse sentido, o sujeito aprende continuamente ao apreender e compreender o mundo ao seu redor ao longo de toda a sua vida. Ao introduzir as oficinas de artes inspiradas nas obras neoconcretas, proporcionou-se experiências imersivas, promovendo seu aprendizado por meio da interação com objetos e pessoas, construindo em conjunto e reverberação o discurso de Hélio e Lygia para as novas gerações.

A participação em atividades artísticas frequentemente envolve colaboração e interação com os colegas. Trabalhar em projetos artísticos em grupo estimula a habilidade de trabalhar em equipe, compartilhar ideias e resolver conflitos de maneira construtiva. Além disso, a exposição à diversidade cultural por meio da arte promove a compreensão e o respeito pelas diferenças, contribuindo para o desenvolvimento de cidadãos empáticos e culturalmente conscientes.

É por meio das experimentações que a criança vai, aos poucos, ampliando suas bagagens e criando condições para a sistematização dos conhecimentos. Dessa forma, promover situações de experimentações deve ser a premissa da educação artística. O uso e a apropriação de diferentes linguagens e recursos ampliam as possibilidades de expressão dos educandos; a arte insere-se nesse universo de linguagens a serem exploradas desde a educação infantil.



Experiência prática nas oficinas

2.

OFICINA I

Estruturas de caixas de fósforo, Lygia Clark 17 de Outubro de 2023

A oficina teve por título “A materialidade da cor: experienciando o Brasil neoconcreto” e foi dividida em duas partes, essa foi a primeira oficina onde foi apresentada a artista Lygia Clark e sua obra *Estruturas de Caixas de Fósforos*. Nos minutos iniciais da aula, foi apresentada uma introdução, com auxílio de slides, explicando brevemente quem é a artista, a sua relação com materiais e imagens da obra em destaque para a oficina.

A proposta desta oficina foi realizar um trabalho inspirado na obra da artista, e para isso, foram providenciadas 80 caixas de fósforos para as duas turmas (4º e 5º ano). Ainda como parte da proposição, os alunos poderiam ter a autonomia para escolher caso gostaria de fazer

uma escultura em grupo ou individualmente. A adesão à atividade foi boa, os alunos ficaram animados e envolvidos. Com um grupo do 5º ano, houve conflito de interesses na realização do trabalho (cada aluna gostaria de fazer de uma maneira diferente, ainda que em grupo) e para isso, dividimos as 10 caixas de fósforos igualmente entre elas e propus que cada uma realizasse a sua ideia, e ao final juntássemos todas em uma estrutura só. Essa ideia agradou, visto que cada expressão individual de cada aluna seria contemplada.

Com suas esculturas prontas, os alunos foram levados para o jardim da parte da frente da escola para realização de uma roda de conversa sobre a experiência e um momento

para observar as obras de todos os alunos em conjunto. Durante a conversa foi perguntado quais eram as artistas mulheres brasileiras que eles conheciam e suas respostas foram: eu, tia Isabel e tia Cris (professoras da escola) e Tarsila do Amaral. Vale lembrar que, apesar de o foco da pergunta ser sobre artistas mulheres, muitos responderam nomes de homens da literatura brasileira. Ao abordarmos o fato de termos saído da sala de aula para conversar com ver as obras, os alunos falaram que lá fora se sentiam com mais inspiração, conectados e criativos.

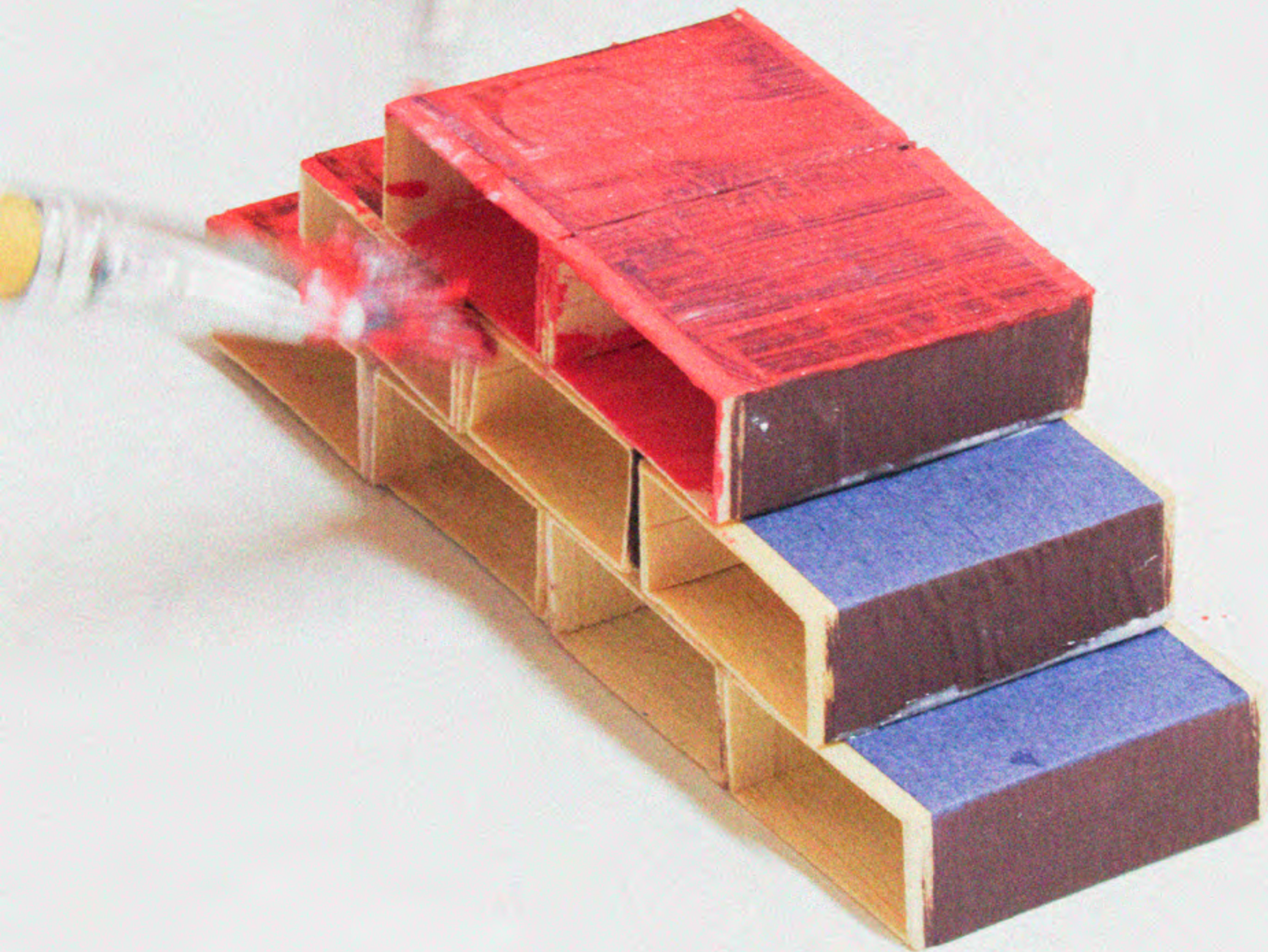
“Me conecto com a natureza e me inspiro.”

(Pietra, 10 anos)

“Fora tem mais ar e dentro é calor, me comunico melhor.”

(Diogo, 9 anos)





[...] a vida é sempre para mim o fenômeno mais importante e esse processo quando se faz e aparece é que justifica qualquer ato de criar, pois de há muito a obra para mim cada vez é menos importante e o recriar-se através dela é que é o essencial [...].

Lygia Clark

OFICINA II

Parangolés, Hélio Oiticica
1º de novembro de 2023

Essa foi a segunda parte da oficina “A materialidade da cor: experienciando o Brasil neoconcreto”, onde foi apresentado o artista Hélio Oiticica e sua obra *Parangolés*. No momento inicial da aula, foi apresentada uma introdução, com auxílio de slides, explicando brevemente quem é o artista e imagens da obra em destaque para a oficina, fazendo apontamentos sobre o contexto da época e os significados desse trabalho.

A proposta desta oficina foi a confecção de *Parangolés*, inspirados na obra do artista, e para isso, foram providenciados tecidos, TNT e lã para as duas turmas (4º e 5º ano). Os alunos foram instruídos a utilizar no mínimo 3 retalhos em cada *Parangolés*, promovendo essa mis-

tura e exploração de cores e materiais. Alguns fizeram nós para prender os tecidos, outros alinhavaram com lã. À medida que iam ficando prontos os *Parangolés*, as crianças ficavam mais animadas - coloquei numa caixa de som samba enredo da mangueira como trilha sonora e honrar este momento. Ao final da oficina foi feito um desfile, levamos nossa música e andamos na escola, finalizando no campo da parte de trás do colégio. Lá no espaço aberto as crianças puderam correr, sambar e brincar livremente, vestindo seus respectivos *Parangolés*. Alguns continuaram vestidos após a aula e jogaram futebol na quadra da escola. No geral, a atividade teve uma boa adesão e engajamento, os alunos relataram gostar das oficinas e de sair dos materiais tradicionais de arte como





papel, tinta e lápis. No início da oficina, ao apresentar o artista perguntei quais materiais se usa para fazer arte, ninguém falou tecido. Ainda sobre esse momento inicial da aula, falando sobre o contexto do neoconcretismo, perguntei se eles sabiam o que foi a ditadura no Brasil e coincidentemente haviam tido aula a respeito desse tema na semana anterior, então compreendiam, ao menos minimamente, os contrastes entre a obra e o Brasil na época. Outro ponto relevante na oficina foi a identificação dos alunos negros com as pessoas vestidas com os *Parangolés*, mostradas na apresentação que contextualizava e ilustrava a obra, no início da manhã. As frases escritas nas obras de Hélio como “Incorporo a Revolta”, “Estou Possuído” e “Seja marginal, seja herói” causaram grande impacto nas crianças.





ARTE CONTEMPORÂNEA E A CONTINUIDADE DO NEOCONCRETISMO

O neoconcretismo, como movimento artístico revolucionário, deixou um impacto profundo e duradouro no cenário artístico nacional e internacional. Embora tenha sido inicialmente percebido como uma reação à rigidez do concretismo e a realidade vivida no Brasil nesse período, o neoconcretismo rapidamente evoluiu para algo muito mais expansivo. A influência do neoconcretismo transcendeu seu contexto histórico e continua a ressoar de maneira significativa na produção artística contemporânea no Brasil.

Essa abordagem inovadora para a arte encontrou eco em artistas contemporâneos em todo o mundo. Alguns deles, como Adriana Varejão e Ernesto Neto, incorporaram elementos ne-

oconcretos em suas obras. Eles abraçaram a ideia de que a arte deve ser experienciada de maneira visceral, desafiando as fronteiras entre o público e a obra. A materialidade da cor, a interatividade e a busca pela experiência sensorial continuam a ser pilares fundamentais nas criações desses artistas contemporâneos.

Outro exemplo da continuidade do neoconcretismo na arte contemporânea pode ser encontrado em artistas de renome internacional. Olhando para o cenário artístico global, vemos artistas como Olafur Eliasson, Anish Kapoor e Yayoi Kusama, que compartilham a busca pelo envolvimento ativo do espectador e a exploração da materialidade da cor em suas obras. Suas criações desafiam as fronteiras entre arte

e espectador, convidando o público a mergulhar em instalações imersivas e interativas.

O desejo de criar obras que evocam sensações, emoções e reflexões continua a ser uma força motriz na arte contemporânea. A materialidade da cor, em particular, permanece um tópico de investigação e experimentação para muitos artistas. E, à medida que a tecnologia avança, novas possibilidades surgem para a criação de experiências artísticas imersivas e interativas, alinhadas com os princípios neoconcretos.

Pode-se dizer que o neoconcretismo não é um capítulo encerrado na história da arte, mas sim uma corrente que flui continuamente, influenciando e inspirando gerações de artistas contemporâneos. Sua ênfase na experiência, na materialidade da cor e na interatividade continua a ser um farol para aqueles que buscam desafiar as fronteiras convencionais da arte, permitindo que a criatividade e a expressão artística floresçam em sua forma mais autêntica. Essa continuidade é um testemunho da vitalidade e da relevância duradoura do neoconcretismo na cena artística global.

Através de tudo que foi abordado, compreende-se que, até hoje, o neoconcretismo continua a inspirar e desafiar nossa compreensão da arte e da experiência estética. Nossa jornada nos levou a experienciar as obras de Lygia Clark e Hélio Oiticica, como resultado, testemunhamos como essas obras-vivas se manifestam a partir da interação, a partir de cada

movimento criador de sua matéria. Fomos testemunhas disso, enquanto na relação professor-aluno, na relação criador-criatura. Por meio dessa experiência *Estrutura de Caixa de Fósforos* e dos *Parangolés*, pudemos vislumbrar as dimensões conceituais e emocionais dessas criações neoconcretas.





Dedico à Maria, minha avó, quem me mostrou o que é ser professora para além dos muros, pela primeira vez.

Agradeço à família e amigos, pelas trocas e cumplicidade.

Ao Paulo Valeriano, meu querido amigo, agradeço pelo afeto, tempo e apoio incondicional e constante.

Ao César Becker, pelas palavras quando me faltaram e por acreditar nesse projeto.

Agradeço à memória eternamente viva de Hélio Oiticica e Lygia Clark.

ANEXO I

Plano de Aula: Oficina 1 - Lygia Clark

Data: 17/10/2023

Docente: Marina Dutra

Disciplina: Artes

Turma: 4º e 5º ano

Período: Matutino

Instituição de Ensino: Escola Parque, 210/211 Norte. Brasília - DF

Tempo de duração de aula: 50 minutos

Tema: A Materialidade da Cor: Experienciando o Brasil Neoconcreto.

Objetivos gerais:

- i. Introduzir os alunos ao mundo da arte neoconcreta, especificamente à obra Estrutura de Caixa de Fósforos de Lygia Clark.
- ii. Estimular a apreciação da arte e o desenvolvimento do pensamento crítico.
- iii. Promover a criatividade e a expressão artística dos alunos.
- iv. Integrar aprendizado de artes com a exploração de materiais do cotidiano.

Objetivos específicos:

- i. Exibir imagens da obra Estrutura de Caixa de Fósforos e discutir suas características, como uso de materiais e dimensões.
- ii. Propor uma atividade prática na qual os alunos criem suas próprias Estruturas de Caixa de Fósforos,
- iii. Incentivar os alunos a experimentar diferentes combinações de materiais, explorando a tridimensionalidade e a textura em suas criações.
- iv. Promover a reflexão sobre as escolhas de materiais e a relação entre arte e cotidiano.
- v. Fomentar a apresentação e discussão das criações dos alunos, permitindo que compartilhem suas ideias e processem as experiências.

Conteúdo: Apresentação; o docente irá explicar o tema, e instigar os alunos a pensarem no material, cores e estrutura. Além de explicar manualmente, como eles podem construir o objeto escultórico.

Etapas previstas:

- i. Apresentação: 10 minutos
- ii. Produção: 30 minutos
- iii. Roda de conversa: 10 minutos
- iv. Total da atividade: 50 minutos

Método e estratégias de ensino: A metodologia desta aula enfoca a participação ativa dos alunos. Começa com uma introdução expositiva sobre o movimento neoconcreto e a obra de Lygia Clark, incluindo a materialidade da cor. Recursos visuais, como imagens e vídeos, ilustram os conceitos. Os alunos, então, participam de uma atividade

prática em que criam suas próprias obras inspiradas no neoconcretismo, explorando a materialidade da cor. Eles experimentarão individualmente e em grupos. Após a atividade, haverá uma discussão em sala de aula na qual os alunos apresentam e discutem suas criações, explorando o impacto das escolhas de cor e material. A reflexão relaciona os conceitos artísticos com a vida cotidiana dos alunos. A avaliação considera critérios como criatividade e compreensão. Esta metodologia visa envolver os alunos, promovendo o entendimento, expressão criativa e pensamento crítico.

Recursos didáticos: imagens/ vídeos, caixas de fósforo, tinta guache e cola.

Referências:

- i. CLARK, Lygia. Estrutura de Caixa de Fósforos. Porta Lygia Clark, 1964. Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/58838/estrutura-de-caixas-de-fosforos>
- ii. CLARK, Lygia. O objeto não tem por si realidade poética mas esta poética é transferida para ele pelo Homem. [Diário 2]. Porta Lygia Clark, 1964. Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/65086/o-objeto-nao-tem-por-si-realidade-poetica-mas-esta-poetica-e-transferida-para-ele-pelo-homem-diario-2>

Plano de Aula: Oficina 2 - Hélio Oiticica

Data: 01/11/2023

Docente: Marina Dutra

Disciplina: Artes

Turma: 4º e 5º ano

Período: Matutino

Instituição de Ensino: Escola Parque, 210/211 Norte. Brasília - DF

Tempo de duração de aula: 50 minutos

Tema: A Materialidade da Cor: Experienciando o Brasil Neoconcreto.

Objetivo geral:

- i. Introduzir os alunos ao mundo da arte neoconcreta, explorando a obra Parangolés de Hélio Oiticica.
- ii. Estimular a apreciação da arte e o desenvolvimento do pensamento crítico.
- iii. Estimular a criatividade e expressão artística dos alunos por meio da experimentação com tecidos e materiais variados.

- iv. Promover a compreensão da relação entre arte e interação corporal por meio da experiência com os Parangolés.
- v. Conectar a obra de Oiticica com a vida cotidiana e a expressão individual dos alunos, incentivando a reflexão sobre a arte em diferentes contextos.

Objetivos específicos:

- i. Apresentar a biografia de Hélio Oiticica, seu contexto artístico e a criação dos Parangolés, destacando sua relevância na arte contemporânea.
- ii. Exibir imagens e exemplos dos Parangolés, discutindo suas características, como uso de tecidos, cores vibrantes e interação física.
- iii. Propor uma atividade prática na qual os alunos criem seus próprios Parangolés, utilizando tecidos, tintas e outros materiais para expressar suas ideias e sentimentos.
- iv. Incentivar os alunos a refletirem sobre a relação entre a arte dos Parangolés e a liberdade de expressão corporal e sensorial.
- v. Incentivar os alunos a pensar sobre como a arte de Oiticica pode ser adaptada e relacionada às suas próprias experiências, expressões e sentimentos pessoais.
- vi. Desenvolver habilidades artísticas e manuais por meio da experimentação com tecidos e materiais diversos, incentivando a criatividade e a expressão individual.

Conteúdo: Apresentação; o docente irá explicar o tema, e instigar os alunos a pensarem no material, cores e formas. Além de explicar manualmente, como eles podem construir o “Parangolé”.

Etapas previstas:

- i. Apresentação: 10 minutos
- ii. Produção: 30 minutos
- iii. Roda de conversa: 10 minutos

iv. Total da atividade: 50 minutos

Método e estratégias de ensino: A metodologia desta aula enfoca a participação ativa dos alunos. Começa com uma introdução expositiva sobre o movimento neoconcreto e a obra de Hélio Oiticica, incluindo a materialidade da cor. Recursos visuais, como imagens e vídeos, ilustram os conceitos. Os alunos, então, participarão de uma atividade prática em que criam suas próprias obras inspiradas no neoconcretismo, explorando a materialidade da cor. Eles experimentarão individualmente e em grupos. Após a atividade, haverá uma discussão em sala de aula na qual os alunos apresentam e discutem suas criações, explorando o impacto das escolhas de cor, material e formas. A reflexão relaciona os conceitos artísticos com a vida cotidiana dos alunos. A avaliação considera critérios como criatividade e compreensão. Esta metodologia visa envolver os alunos, promovendo o entendimento, expressão criativa e pensamento crítico.

Recursos didáticos: imagens/ vídeos, tecidos, tnt, linha de lã, tinta acrílica e cola quente.

Referências:

- i. FOLHA DE SÃO PAULO. Como o parangolé de Oiticica resume o carnaval e o samba como asa-delta para o êxtase. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/amp/ilustrada/2023/02/como-o-parangole-de-oiticica-resume-o-carnaval-e-o-samba-como-asa-delta-para-o-extase.shtml>.
- ii. MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO (MAM). Hélio Oiticica. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://mam.rio/artistas/helio-oiticica-2/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBU, C. **Mirror affect: seeing self, observing others in contemporary art.** U of Minnesota Press. [S.l.]. 2016.

ALMEIDA, E.A.A. **Aspectos da Estruturação do Self de Lygia Clark: perspectivas críticas.** Universidade de São Paulo. [S.l.]. 2013.

ARAUJO, E. L. **O auto-teatro de Hélio Oiticica: provocações de uma arte ambiental.** Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas. [S.l.]. 2020.

BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática.** Penso Editora. [S.l.]. 2017.

BARBOSA, A. M. **Teoria e prática da educação artística.** São Paulo, Cultrix. CANCLINI, N.A. **socialização da arte.** São Paulo, Cultrix. 1975.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos de 1980 e novos tempos.** São Paulo: Perspectiva. 2009.

BARBOSA, A. M., Fernanda Pereira da (Orgs.). **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e**

Culturas Visuais. São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, A. M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** Cortez Editora. [S.l.]. 2018.
BRASIL, BNCC, disponível em <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/> acesso em 21.11.2023.

CARVALHO, E. A. P. **Livro sobre trajetória e ressonâncias nas obras de Lygia Clark, a partir de sua docência com alunos surdos do INES.** uff. [S.l.]. 2019.

CLARK, L. **Hélio Oiticica: Cartas, 1964-74.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1996.

CLARK, L. **Estrutura de Caixas de Fósforos.** ASSOCIAÇÃO CULTURAL LYGIA CLARK DESENVOLVIDO COM SHIRO POR PLANO B. [S.l.]. 2021.

FAVARETTO, C. F. **A invenção de Hélio Oiticica.** Edusp. [S.l.]. 1992.

GALEAZZI, A. E. E. A. **Ornitorrélio Oiticinco: as inscrições de HO entre literatura e artes.** uerj. [S.l.]. 2019.

GOETHE, J. W. **Doutrina das Cores.** Tradução Marco Garaude Giannotti. São Paulo, Nova Alexandria. 1993.

GONZAGA, D. E. A. **Arte e vida os parangolés de Hélio Oiticica-performances a contrapelo.** ufg. [S.l.]. 2020.

HOWARD, P. **O que é cenografia?** Edições Sesc. [S.l.]. 2017.

MUNERATTO, B. G. **Os movimentos da sensibilidade: o diálogo entre Mário Pedrosa e Alexander Calder no projeto construtivo brasileiro.** unesp. [S.l.]. 2011.

OITICICA, H. **Posição e Programa.** In: Catálogo da Exposição Hélio Oiticica, op. cit., p. 100. 1966

OITICICA, H. **[Carta].** Rio de Janeiro. Localizada no Arquivo Hélio Oiticica, Rio de Janeiro (RJ), AHO 0182/59. 1970.

OITICICA, H. **Aspiro ao grande labirinto.** In: FERREIRA, G. et al. (Org.). Hélio Oiticica: Encontros. Rio de Janeiro: Azougue. 1986.

OITICICA, H.; OITICICA FILHO, C. **Museu é o mundo**. Beco do Azougue Editorial, 2011.

OSORIO, L. C. **Olhar à margem**. Editora SESI-Serviço Social da Indústria. [S.l.]. 2017.

PEREIRA, R. A. E. A. **As contribuições da ludicidade na autoformação do adulto: a percepção de “ser quem se é” a partir de experiências lúdicas num curso de pós-graduação**. [S.l.]. 2022.

PEREIRA, S. F. R. **A pessoa com baixa autoestima**. rcaap. [S.l.]. 2023.

PIAGET, J. **Psychologie et Pédagogie**. Paris: Denoël. 1969.

RAMOS, F. M. **Por uma poética do gesto: potências ambientais na arquitetura ativadas por Hélio Oiticica**. ufsc. [S.l.]. 2019.

RIVERA, T. **Hélio Oiticica. A criação e o comum**. In: Viso: Cadernos de estética aplicada, v. III, n. 7. 2009.

SANTAELLA, L. **Leitura de imagens**. Editora Melhoramentos. [S.l.]. 2012.

SEVERINO, A. J. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho D'água, 2012.

SILVA, D. M. **Intervenção urbana como prática social no ensino das artes**. unb. [S.l.]. 2018.

SILVA, F. P. D. E. A. **Lygia Pape e Hélio Oiticica: conversações e fricções poéticas**. uerj. [S.l.]. 2007.

VIEIRA, P. V. **Hélio Oiticica e o salto para um novo espaço pictórico**. repositório ul. [S.l.]. 2018.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1989.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo. Martins Fontes. 2001.

